

EXPERIÊNCIA NO ASSENTAMENTO TERRA VISTA E NA OKA KATUANA: LUTA, SENTIDO COMUNITÁRIO E PRÁTICA EDUCATIVA

MARCOS GABRIEL MATOS DOS SANTOS
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

LARA MARQUES DE JESUS SANTOS
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

DOMINGOS RODRIGUES DA TRINDADE
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência do visto e vivido durante uma aula de campo realizada no Assentamento Terra Vista e na Creche Indígena Oka Katuana, região do Sul da Bahia. Utilizou-se a abordagem qualitativa e, a coleta de dados se deu por meio da observação, da roda de conversa, anotações etnográficas registradas no diário de campo e registros fotográficos. O material empírico foi analisado por meio de descrição e análise de conteúdo dos dados. Os resultados sinalizam que a aula de campo despertou olhares às práticas alternativas, o sentido comunitário e a luta social nas organizações pedagógicas no contexto educacional experienciado.

Palavras-chave: Educação. Práticas pedagógicas. Sentido comunitário.

Abstract:

This work aims to report an experience of what was seen and lived during a field class held at the Terra Vista Settlement and the Oka Katuana Indigenous Creche, in the southern region of Bahia. A qualitative approach was used and data collection took place through observation, conversation circles, ethnographic notes recorded in the field diary and photographic records. The empirical material was analyzed through description and content analysis of the data. The results indicate that the field class awakened views on alternative practices, the sense of community and the social struggle in pedagogical organizations in the educational experience context.

Keywords: Education. Pedagogical practices. Community sense.

Introdução

Este artigo interdisciplinar surgiu a partir de uma aula de campo do IV semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, *Campus XII* proposta pelos componentes curriculares: Núcleo de Pesquisa e Prática Pedagógica III; Educação do Campo e; Infâncias e Educação Infantil.

A aula de campo aconteceu no Assentamento Terra Vista do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra - MST e na Creche Indígena Oka Katuana (Anexo do Colégio Indígena de Olivença).

Para a realização das observações *in lócus* partimos da seguinte indagação: Como acontecem as práticas educativas no contexto do Assentamento Terra Vista e na Creche Indígena Oka Katuana?

A fim de responder às questões, temos como objetivo geral apresentar as práticas pedagógicas a partir do visto e vivido durante uma aula de campo realizada no Assentamento Terra Vista e na Creche Indígena Oka Katuana como já referido anteriormente.

O presente texto está organizado em: introdução; a metodologia que discorre sobre os métodos de tratamento e análise dos dados obtidos a partir da aula de campo; Assentamento Terra Vista (nos subtópicos Contexto Escolar e Contexto Não Escolar), bem como o tópico Creche Indígena Oka Katuana apresenta a relação do material empírico da aula de campo com o teórico, a partir dos/as autores/as discutidos nos componentes curriculares. E por fim, as considerações finais onde colocaremos nossos olhares como autores do artigo e a importância da aula de campo para a formação docente.

Metodologia

Este artigo trata-se de uma pesquisa em uma abordagem qualitativa. De acordo com Pires (2010) os métodos qualitativos a partir do acompanhamento do cotidiano, das atividades organizacionais e comportamentais, junto às narrativas e práticas auxiliam na compreensão dos participantes e da realidade em que se pesquisa.

E as notas etnográficas consiste como método em um aparato de “técnicas e de procedimentos de coleta de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do/a autor/a junto a um grupo social a ser estudado” (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 1). Apesar de ser uma breve visita, este caminho pode ajudar a compreender de forma crítica os locais que foram observados e vividos na aula de campo.

Os universos foram duas instituições/espacos: o Assentamento Terra Vista do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra - MST no município de Arataca no sul da Bahia e a Creche Indígena Oka Katuana no município de Ilhéus.

Os instrumentos de coleta de dados foram observação, registro no diário de campo, roda de conversa e registro fotográfico. O tratamento e análise dos dados foram feitos através de análise descritiva.

Assentamento Terra Vista

Antes de partirmos para a discussão dos dados e análise obtidas da organização pedagógica e afirmação identitária das crianças e jovens do campo, acreditamos na importância que se compreenda de forma teórica, em breve explanação - assim como aconteceu o estudo dirigido pelo componente Educação do Campo - a importância da luta pela reforma agrária e pela ocupação de territórios, assim como a história do Assentamento Terra Vista e os percalços pelas questões sociais e econômicas. Para isso, separamos em dois tópicos: O Contexto não escolar e o contexto escolar do Assentamento Terra Vista.

O Contexto não escolar do Assentamento Terra Vista

A luta pela reforma agrária prioriza a aquisição conjunta da propriedade da terra, de forma que, os povos camponeses tenham subsídios para viver em determinado local. Para Rocha e Cabral (2016) “A reforma agrária é uma política pública resultado das conquistas da população rural que não tem acesso à propriedade da terra.” (ROCHA; CABRAL, 2016, p. 75-76). Ou seja, além de uma política de redistribuição de terra, também é um território em disputa significativa para a autonomia dos povos camponeses, além da agricultura familiar e agroecológica.

Essa luta por território ainda se mostra um campo em debate muito amplo por estar dotados de significados, assim como relata Milton Santos uma referência teórica no debate sobre a territorialidade, o autor define que:

o território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 1999, p. 8, *apud* FERREIRA, 2014, s.p).

Assim, Santos expõe que o território não é apenas útil em cumprir o seu papel social para o plantio, mas como identidade dos povos camponeses, populares e indígenas, pois está emaranhado em questões culturais, sociais, econômicas e de gênero.

Nesse sentido, o primeiro contato com o campo pesquisado mediado a partir de uma roda de conversa com Joelson Ferreira Oliveira¹ - nomeado pelos povos do Assentamento como Mestre², nos é apresentado o Assentamento Terra Vista que surge pelo Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST) onde ocuparam a antiga Fazenda Bela

¹ Doutor Notório Saber em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Líder do Assentamento Terra Vista e idealizador da Teia dos Povos.

² A nomenclatura Mestre atribui-se ao respeito pelos conhecimentos da ancestralidade dos povos.

Vista, em Arataca, no Sul da Bahia, e com o passar dos tempos e a partir do lema “Ocupar, Resistir e Reproduzir” e dos investimentos na agroecologia iniciaram a transição agroflorestal da mata atlântica. O Assentamento abriga um Sistema Agroflorestal em constante expansão e no momento da visita estava com 92% da mata ciliar do Rio Aliança, 80% das suas nascentes recuperadas. O Assentamento possui 900 hectares no total, sendo 313 de Mata Atlântica Preservada e 313 de Cacau Cabruca³.

No entanto, o Assentamento não surgiu a priori com a fundamentação agroecológica e da agricultura familiar, esse fato foi evidenciado nas falas do Mestre Joelson o impulso em “*Nós queríamos ser fazendeiros*” (OLIVEIRA, 2023), tal desejo não foi possível tanto pela falta de recursos quanto pelo retorno monetário. Mas, movidos naquele período pela necessidade de sobreviver, voltaram seus esforços aos estudos sobre o solo.

A destaque, o Mestre Joelson a explica que a partir do investimento em estudos e a descoberta da estudiosa Ana Primavesi, a frase “Solo sadio, planta sadia, ser humano sadio” foi um fator decisivo em cuidados com o solo. A partir disso, “*foi possível o plantio e colheita mais agradável*” (OLIVEIRA, 2023).

Assim, o melhor contato com o solo só foi possível depois de adotarem a postura agroecológica, que para Caporal e Costabeber (2004)

5807

O Enfoque Agroecológico corresponde à aplicação de conceitos e princípios da Ecologia, da Agronomia, da Sociologia, da Antropologia, da ciência da Comunicação, da Economia Ecológica e de tantas outras áreas do conhecimento, no redesenho e no manejo de agroecossistemas que queremos que sejam mais sustentáveis através do tempo. Se trata de uma orientação cujas pretensões e contribuições vão mais além de aspectos meramente tecnológicos ou agrônômicos da produção agropecuária, incorporando dimensões mais amplas e complexas que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ecológicas, como variáveis culturais, políticas e éticas (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 2).

Portanto, compreende-se que o termo “agroecologia” não se refere apenas ao modo de produção sustentável, mas também às questões econômicas, sociais e culturais da sociedade e os modos de vida/coexistência adotada pelos sujeitos de determinada realidade. A destaque, a gastronomia local rompe com o “*paladar urbanocêntrico*”, onde considera a dieta alimentar natural e dos povos tradicionais que ajudaram a construir a história do lugar, como por exemplo a banana verde ou da China, que em um momento de muita fome durante a ocupação da Fazenda foi o que sustentou os povos assentados/as.

³ Estas informações foram capturadas nas rodas de conversa realizadas no Assentamento Terra Vista e disponíveis no site da Teia dos Povos. Para saber mais ver: <https://teiadospovos.org>

Além disso, outra conquista dos/as assentados/as do Terra Vista foi a articulação com A Teia dos Povos, criada em 2012 na I Jornada Agroecológica da Bahia. Esta iniciativa impulsionou e fortaleceu laços e a luta por terra e território. Tal qual pela agricultura familiar, o que até hoje corrobora com a sua expansão e luta pela soberania popular.

Entretanto, houveram desafios na jornada de plantio como a praga popularmente conhecida como vassoura-de-bruxa, parte histórica que foi destacada pelo Mestre Capixaba⁴ (Figura 1), que a partir dos seus conhecimentos e prática ajudou a “controlar” o alastre do fungo no plantio do cacau.

Figura 1: Mestre Capixaba explicando a vassoura-de-bruxa e como eles combatiam o fungo.



Fonte: Acervo da aula de campo. 04 de outubro de 2023.

Apesar dos esforços para o controle da praga e no plantio do cacau, o Mestre Joelson (Figura 2) explica que o retorno financeiro da venda do cacau bruto não era proveitoso. E para contornar essa realidade, os estudos e esforços foram voltados para produção do chocolate, que surgiu a partir da criação da Fábrica Escola do Chocolate Litoral Sul (Figura 3) que tem como

⁴ Camponês assentado que vive no Assentamento Terra Vista do MST, também é referência como trabalhador e reconhecido por seus saberes e conhecimentos do solo.

objetivo instruir os jovens do campo à produção do chocolate e a importância do retorno para o assentamento.

Assim como a produção de óleos essenciais da Arte da Terra (Figura 4) com base na tradição popular do trabalho de cuidados, o grupo de mulheres do Assentamento Terra Vista produz óleos essenciais através da extração de plantas aromáticas e medicinais cultivadas em sistemas agroflorestais regenerativos, o que provém renda e autonomia, reconhecimento das mulheres assentadas⁵.

Figura 2: Mestre Joelson apresentando a história do Assentamento.



Fonte: Acervo da aula de campo. 04 de outubro de 2023.

As duas iniciativas mostram-se eficazes no que se refere a valorização da identidade assentada e inserção dos jovens em prol do sentido comunitário empregado pelos povos. Tanto a produção de óleos essenciais quanto a Fábrica Escola do Chocolate está pautada na agroecologia, pois ambas, em todas as etapas de produção estão atentas com o cuidado e

⁵ Estas informações foram capturadas na roda de conversa das mulheres e disponíveis na rede social, saiba mais em: @artedaterraatv

coexistência com a natureza, evitando todo e qualquer desgaste desnecessário da fauna e flora do solo. Além do mais, servem como retorno financeiro, e geram pertencimento ao campo por evitar que os povos assentados precisem sair do campo para ir à cidade em busca de emprego. “*Em busca de uma vida “melhor”*” que para o Mestre Joelson, a vida melhor dos povos assentados e do campo devem estar no campo e não fora dele.

Figura 3: Fábrica Escola do Chocolate Litoral Sul no Assentamento Terra Vista.



Fonte: Acervo da aula de campo. 04 de outubro de 2023.

Figura 4: Mesa de óleos essenciais ‘Arte da Terra’ fabricados no Assentamento Terra Vista.



Fonte: Acervo da aula de campo. 04 de outubro de 2023.

5810

Contexto escolar do Assentamento Terra Vista

Assentamento Terra Vista conta com duas unidades escolares: a primeira é o Centro Integrado Florestan Fernandes, que funciona da Educação Infantil até o Fundamental II, com turmas multisseriadas; e a segunda, o Centro Estadual de Educação Profissional da Floresta do Cacau e do Chocolate Milton Santos que atende os alunos do Ensino Médio.

Na roda de conversa sobre a história da Educação no assentamento, a partir das falas do Mestre Joelson conseguimos notar a preocupação com a educação era um fator importante para os povos camponeses. *“Quando chegamos aqui notamos algumas casas construídas. Como tínhamos uma forte preocupação com a educação de nossas crianças, decidimos pegar a melhor casa que existia e a transformamos em uma escola para nossas crianças”* (OLIVEIRA, 2023) Assim, é possível constatar que a luta dos povos assentados não se restringe apenas ao território, como também à Educação.

O compromisso com a Educação também foi capturado na fala de Solange Brito Santos⁶ nos demonstra que a organização para conseguir a escola se deu por meio da escuta da comunidade e pré-matricula dos estudantes, para depois se mobilizar em direção à Secretaria de Educação do município de Arataca. Tal ato que se sustenta pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96:

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996).

5811

No entanto, apesar de toda a luta por uma Educação do Campo, tanto Mestre Joelson quanto Solange afirmam que após a conquista em oficializar o Centro Integrado Florestan Fernandes e o CEEP Milton Santos se faz urgente a necessidade de formação em Educação do Campo para o corpo docente das instituições, bem como um currículo apropriado, e não importado da cidade. Essa luta é um apelo constante para a Secretária de Educação do município de Arataca.

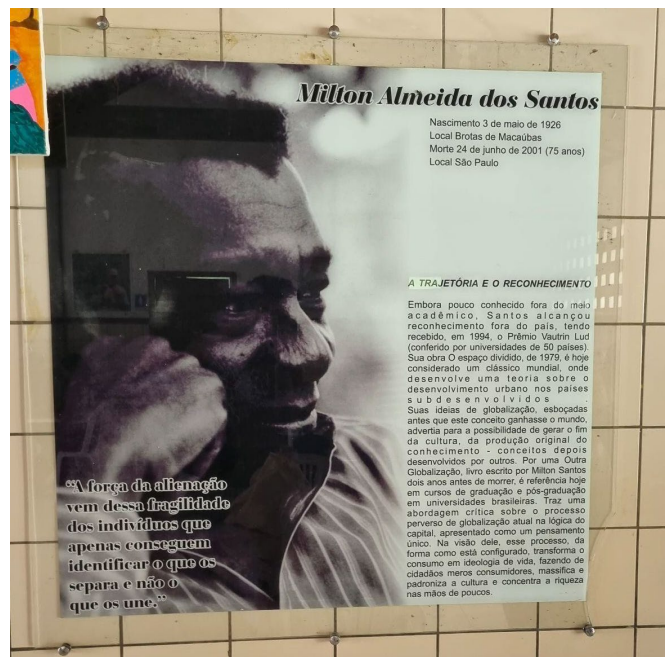
⁶ Assentada e Líder do Movimento Teia dos Povos.

Figura 5: Desenho escrito “Educação do Campo” no Centro Integrado Florestan Fernandes.



Fonte: Acervo da aula de campo. 04 de outubro de 2023.

Figura 6: Quadro “A trajetória e o reconhecimento” no Centro Estadual de Educação Profissional da Floresta do Cacau e do Chocolate Milton Santos (CEEP Milton Santos).



Fonte: Acervo da aula de campo. 04 de outubro de 2023.

As figuras 5 e 6 constataam a realidade campesina, e a luta pelo território, porém, uma barreira invisível se faz presente entre o conhecimento proposto pelos professores e a Educação do Campo, pois nas práticas pedagógicas desalinham com o Assentamento, como se cada um desempenhasse uma parte do papel, não como uma aliança em prol comum.

Nesse viés, a ausência de professores que tenham a formação adequada não viabiliza práticas pedagógicas que façam parte da identidade dos estudantes da realidade camponesa, quilombola, popular e/ou indígena. E por infortúnio, pode gerar problemas como a evasão escolar por não proporcionar uma educação contextualizada, que pautem um currículo adequado de valorização da luta social, da organização popular e identitária.

Creche Oka Katuana

A Creche Indígena Oka Katuana enfrentou e enfrenta diversos desafios para se manter aberta, a escola abriga crianças indígenas Tupinambá e não-indígenas (ou ditas indigenistas). Em luta por afirmação identitária todo o corpo docente da escola faz questão de ser composta por professoras indígenas, além de oportunizar a manutenção da cultura, tradição e identidade da e pela comunidade indígena Tupinambá.

A acolhida da nossa visita na Creche Oka Katuana foi por conta da professora e coordenadora pedagógica Crys Amanary Tupinambá.

Para o povo Tupinambá, as crianças são estimuladas a criarem autonomia para desenvolver suas próprias ações, devendo ao adulto a tarefa de apenas aconselhar. Assim, elas contam o brincar livre e intencional, em contato com a natureza e contextualizado com a realidade Tupinambá. Ou seja, é uma educação de contato e coexistência e coincidência com a natureza, que preserve e se reconecte a vida em integridade, isto é, biofilia (TIRIBA; PROFICE, 2018).

No que se refere a organização pedagógica, as atividades são desenvolvidas sempre com a participação das crianças, Crys nos relatou que *“as cores são trabalhadas no que é visto a natureza”*, isto é, no real e para isso, as tintas precisam ser feitas a partir das plantas/sementes da localidade, e posteriormente utilizam na hora da pintura. As crianças também plantam flores, cuidam da horta, iniciativa viabilizada a partir do projeto *“Jardinando a Oka”* (figura 8). Há também o aprendizado da pesca, que depois tanto as verduras da horta quanto os peixes pescados são preparados com as crianças utilizados na refeição em conjunto.

Figura 7: “Brincando Nosso Jardim; Preserve o Meio Ambiente”, em torno das letras, nota-se o desenho livre feito pelas crianças.



Figura 8: Jardim feito pelas crianças da Creche Oka Katuana.



Fonte: Acervo da aula de campo. 06 de outubro de 2023.

Fonte: Acervo da aula de campo. 06 de outubro de 2023.

Outro desafio enfrentado mostra-se ao evidenciar que a localidade da creche é uma casa alugada, um local muito simples, mas que a partir da intervenção pedagógica das professoras está repleto de vida. Recentemente as responsáveis pelo local depois de muita luta e garra, conseguiram que a Prefeitura construísse uma creche nova em um ambiente próprio para as crianças. No momento da visita, evidenciaram esperançosas que a mudança de local acontecesse no início do ano de 2024.

Os avanços e retrocessos da Creche Indígena Oka Katuana fazem parte da luta constante por diretrizes educacionais que atendam às necessidades, isto é, um processo de ruptura estrutural, e que viabiliza gerar economia e oportunidades ao empregar professoras indígenas, assim como a autonomia para os respectivos povos indígenas. Assim como, é estimulada pelas

professoras Tupinambás, atividades e contextos de experiência que gerem o pertencimento e o sentido comunitário e de coexistência da vida humana.

Considerações Finais

A aula de campo que perpassou o Assentamento Terra Vista e na Creche Indígena Oka Katuana mostrou-se proveitosa, pois despertou novos olhares às diferentes organizações e práticas pedagógicas. E de certa forma, compreender os diversos contextos/realidades sociais, econômicas e culturais presentes no pouco que vimos na Bahia.

A partir dos olhares que atribuímos quando observamos e vivenciamos, notamos que as organizações pedagógicas respaldadas na Educação do Campo e Indígena não somente referem-se ao território. Implica-se dizer que ver nas escolas voltadas para os povos do campo e indígenas contextualizam as vivências na comunidade, assim como nos impulsiona a criar práticas pedagógicas para uma escola contra-hegemônica. Assim, busque respeitar e valorizar as diversidades sociais, econômicas, políticas e culturais das pessoas.

Além disso, mostrou-se evidente a luta dos povos assentados e indígenas por uma educação que pautasse em suas linhas as suas identidades, afirmadas na cultura e história dos seus povos. No caso do Assentamento Terra Vista, apesar dos deslizos e desafios por um currículo apropriado, a luta social é constantemente por uma Educação do Campo. Assim como a Creche Oka Katuana por uma Educação Indígena. Além de respaldar, a presença dos movimentos sociais, a pressão popular a fim de requerer os seus direitos às suas necessidades como cidadãos/ãs na sociedade.

Sobretudo, a aula de campo cumpre um enorme papel no que se refere à formação docente, pois o visto e o vivido ampliou olhares, que muitas das vezes, a realidade que são negligenciadas e invisibilizadas pelo sistema capitalista mercadológico. E saber que existem práticas alternativas que não agridem o solo, o planeta e a integralidade humana, isto é, pautados na agroecologia e biofilia nos inspiram a pensar no hoje para um amanhã sadio.

Referências

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, p.

CAPORAL, R. F; COSTABEBER, A. J. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004. p. 24.

FERREIRO, D. S. Território, territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência geográfica. In: **Campo-território: revista de geografia agrária**, v. 9, n. 17, p. 111-135, abr., 2014.

PIRES, R. R. C. **Métodos qualitativos de avaliação e suas contribuições para aprimoramento de políticas públicas**. In: CARDOSO, JR. (Coord.). **Brasil em Desenvolvimento: estado, planejamento e políticas públicas**, v. 3, seção VIII, 2010.

ROCHA, A. L. C. D.; ECKERT, C. **Etnografia: saberes e práticas**. Iluminuras: série de publicações eletrônicas do banco de imagens e efeitos visuais, LAS, PPGAS, IFCH e Ilea. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 23 p.

Portal da Teia dos povos. Disponível em: <https://teiadospovos.org>. Acesso em 03 de dez. de 2023.

ROCHA, R. J. S.; CABRAL, J. P. C. Aspectos históricos da questão agrária no Brasil. In: **Revista produção acadêmica – núcleo de estudos urbanos regionais e agrários/ nurba – Vol. 2 N. 1 (JUNHO, 2016)**, p. 75-86

TIRIBA, L.; PROFICE, C. C. (2018). Crianças tupinambá: rios, colinas, bancos de areia e matas como lugares do brincar cotidiano. **Revista Teias**, 19(52), 28–47.
<https://doi.org/10.12957/teias.2018.30926>.

5816

Autor 1:

FOTO DE ROSTO



Marcos Gabriel Matos dos Santos

Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo Departamento de Educação – Campus XII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire – Nepe/CNPq. Bolsista do PIBID.

Email: marcosmasaga@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1941931191294921>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-7999-3587>

**AUTOR 2:
FOTO DE ROSTO**



Lara Marques de Jesus Santos

Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo Departamento de Educação – Campus XII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Email: marqueslara143@gmail.com

Lattes: <https://orcid.org/0009-0001-4996-552X>

Orcid: <http://lattes.cnpq.br/0535201684262369>

**Autor 3:
FOTO DE ROSTO**



Domingos Rodrigues da Trindade

Mestre e Doutor em Educação pela FE/UnB. Professor titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus XII. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Docente (PPGEDuF/UNEB). Vinculado à Linha de Pesquisa: Educação do Campo, Educação de jovens e Adultos e Movimentos Sociais do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire – Nepe/CNPq.

Email: dtrindade@uneb.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3020780194610500>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0836-9051>